



# Fronteira em Ratisbona

*As palavras, mesmo as de um Papa, acontecem num mundo, e acontecem num mundo onde se sucedem os factos e eu penso que ganharíamos muito em ver este discurso não como um fenómeno isolado de 2006, mas como algo que acontece numa cadeia de acontecimentos ao longo desse ano.*

**P**or razões profissionais levo grande parte da minha vida a ver jornais. Geralmente jornais antigos. Por isso, e porque face à fé experimento uma profunda solidão e porque da razão sei pouco, resolvi fazer uma viagem por aquilo que foi este ano de 2006. As palavras, mesmo as de um Papa, acontecem num mundo, e acontecem num mundo onde se sucedem os factos e eu penso que ganharíamos muito em ver este discurso não como um fenómeno isolado de 2006, mas como algo que acontece numa cadeia de acontecimentos ao longo desse ano.

Antes queria pedir-vos apenas que fixassem uma frase deste magnífico discurso. E antes ainda que façamos um pequeno parêntesis: eu sou de Letras, como antigamente se dizia. Quando um texto é bom ganha uma espessura. Pode dizer-se que tem camadas... É quase como nos estratos da Geologia (área que nunca me fascinou, confesso). Mas essa visão geológica aplicada à Literatura, essa sim interessa-me. E este discurso de Ratisbona tem essa espessura. É um texto com diversos níveis de interpretação. É um texto com respostas para diferentes pessoas em diferentes momentos e em diferentes tempos. É um texto em que as pessoas, independentemente das suas circunstâncias, encontram lá as suas inquietações. Portanto, nesse sentido, é um texto que vai muito para lá do âmbito da Teologia e da Filosofia. É um texto que literariamente vale por ele mesmo. Fechemos aqui o parêntesis e voltemos então à frase do discurso de Ratisbona que gostaria que retivessem: “No mundo ocidental é largamente dominante a opinião de que são universais apenas a razão positivista e as formas de Filosofia delas derivadas, mas as culturas profundamente religiosas do mundo vêem, precisamente nessa exclusão do divino da universalidade da razão, o ataque às suas convicções mais íntimas. Uma razão que diante do divino é surda e repele a religião

para o âmbito das subculturas é incapaz de inserir-se no diálogo das culturas.”

Peço que não esqueçam esta frase: “Uma razão que diante do divino é surda e repele a religião para o âmbito das subculturas é incapaz de inserir-se no diálogo das culturas.” O ano de 2006 prova, de alguma forma à exaustão, aquilo que está contido nesta afirmação.

O ano de 2006 foi vivido, sobretudo pelos europeus, numa espécie de espanto perante sucessivas manifestações em que gente doutras partes do mundo reagia violentamente contra a forma como a fé, a sua, era vista na Europa. À hora do jantar as televisões traziam à mesa *light* dos europeus imagens de homens que pareciam uma espécie de furiosos de Deus e que algures na Terra davam conta da sua indignação por coisas que eram ditas ou que aconteciam aqui neste espaço. Como teriam eles sabido naquelas lonjuras o que algures em Copenhaga ou Berlim se dizia e representava?

De 2006 nós fixámos a reacção do mundo muçulmano ao discurso do Papa em Ratisbona, mas o que aconteceu na Europa em 2006 toca muito mais fundo do que a questão, formulada por Bento XVI, e essa já por si seria muito complexa, da exclusão do divino da universalidade da razão. O que nós temos em 2006 é aquilo que Bento XVI descreve como o acto de repelir da religião para o âmbito das subculturas.

Mas sigamos a cronologia que à falta de melhor é sempre um bom guia: o ano de 2006 começa com a crise dos Cartoons. Os Cartoons começam, em termos mediáticos na Europa, nos últimos dias de Janeiro. É preciso que se perceba que os Cartoons do jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* tinham sido publicados a 30 de Setembro de 2005. E, de repente, a Europa não percebe o que se está a passar. Na televisão passam imagens de manifestações de fúria provenientes dum mundo que não se percebe como conhece aquele jornal dinamarquês. De um dia para o outro o mundo parece em fúria com esta Europa que quer acreditar que tolerância perante a religião é sinónimo de ignorância (e uso o termo ignorância no sentido de desconhecimento voluntário) de Deus: num dia são os Irmãos Muçulmanos, em fúria no Egipto; a Líbia a encerrar a sua representação diplomática em Copenhaga; os Emirados Árabes Unidos denunciando o extremismo cultural da Europa; o Líbano por uma vez não com imagens de atentados provocados por fundamentalistas mas lembrando sobranceiramente que foi fundado no respeito por todas as

*“Uma razão que diante do divino é surda e repele a religião para o âmbito das subculturas é incapaz de inserir-se no diálogo das culturas.”*





religiões; os Mártires de Al Aqsa pedindo a todos os trabalhadores escandinavos para abandonarem a faixa de Gaza em 48 horas e o ex-Presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, pedindo à Europa que não substitua o anti-semitismo pelo anti-islamismo. Estávamos a 31 de Janeiro. Dois dias depois as manifestações já estavam no Iraque e na Jordânia.

Perante este crescendo era evidente o embaraço que se apoderava da Europa. Sendo a fúria de Deus alguma coisa que os noticiários nos trazem todos os dias, em 2006 essa fúria e as mortes que gera deixaram de nos ser 'estrangeiras'. Essa excessiva proximidade levou a um fenómeno de ocultação para uns, baralhação para outros, mas sempre omissão. Abramos por exemplo o *Diário de Notícias* de 6 de Janeiro de 2006. Segundo o *Diário de Notícias* desse dia terá havido uma morte ligada ao caso dos Cartoons. Tratar-se-ia de uma pessoa que estava a assaltar o consulado dinamarquês em Beirute e terá morrido ao saltar pela janela. Segundo o *Diário de Notícias* terá sido essa a morte ligada aos Cartoons. Mas na mesma notícia era dada conta de mais duas mortes: a de um adolescente de 14 anos morto na Somália quando apedrejava um edifício das Nações Unidas, organização que acabou a sofrer naquele país as retaliações dos fundamentalistas islâmicos por causa dos Cartoons e a morte de um padre na Turquia. Um padre cujo nome nós nunca soubemos. Sabemos que foi morto em Trebizonda, sabemos que quem o matou terá dito alguma coisa que em português será: "Deus é o maior". Qualquer italiano, espanhol, português, francês... que fosse assassinado por um qualquer larâpio numa rua da Turquia teria mais atenção que este padre assassinado em Trebizonda por alguém que lhe gritou "Deus é o maior". De facto, em 2006 o problema de Deus agigantou-se perante os europeus e, ao contrário do que até então havia sido costume, os homens que invocavam o seu nome não se detinham perante aquilo que Bento XVI definiu em Ratisbona como "a razão positivista e as formas de Filosofia delas derivadas".

A partir de 2006 instala-se uma enorme polémica em torno dos limites da liberdade de expressão. Será que apenas se pode caricaturar o Deus dos cristãos? No *El País* pede-se uma espécie de pacto de não agressão entre o mundo ocidental e o Islão mas cada vez se percebe menos o que pode entender o Islão por agressão.

Ainda não se tinha esfumado a polémica dos Cartoons e em Abril/Maio de 2006 uma cadeia de televisão, a MTV, anuncia uma série chamada "Popetown". É uma série que tem como pretexto um Papa louco e excêntrico e um Cardeal corrupto e criminoso que dificilmente se identificam com as figuras provenientes do Vaticano, nomeadamente com Ratzinger. A MTV explica que a série não será provavelmente do agrado de todos mas, assevera a MTV, não contém nada de blasfemo. E se em vez de um papa fosse um imã? E se em vez do Deus dos cristãos fosse Alá? Mesmo que ninguém o diga claramente torna-se implícito que a série que faz parecer os Cartoons dinamarqueses uma agradável história de crianças não passaria.

E aí chegamos a Setembro. O discurso do Papa em Ratisbona teve lugar a 12. As notícias começam a aparecer a 14. A 15 tinhamos títulos como: "Muçulmanos criticam declarações de Bento XVI". No dia seguinte a crítica dava lugar à exigência: "Muçulmanos exigem desculpas a Bento XVI". Se continuarmos a ler os jornais dos dias seguintes perceberemos que há todo um cres-



cendo, tal e qual como na crise dos Cartoons, que culmina a 19 de Setembro com títulos como: "Uma grande guerra".

É em 2006 que surge esse apelo que veremos ressurgir em 2009/2010, embora com outro pretexto, que é: "O Papa tem de pedir desculpa". Ver o Papa a pedir desculpa é neste momento algo que inebria o mundo ocidental, ou parte dele. O Papa a pedir desculpa é talvez aquilo que ainda nos falte ver.

Mas voltemos à cronologia. Recordo que estamos em Setembro de 2006. Ainda antes do final de Setembro de 2006, temos o caso "Idomeneo". Trata-se de uma Ópera que estava a ser encenada e que era aliás uma reposição de uma encenação de 2003. Nesse ano, 2003, essa encenação tinha passado tranquilamente, mas em 2006 os serviços de informações terão avisado a companhia, que se preparava para levar "Idomeneo" à cena, de que corriam sérios riscos de um ataque por causa não propriamente de Jesus, Buda e Poseidon serem decapitados, mas sim por causa de Maomé ser decapitado. Estamos no mesmo mês de Setembro de 2006.

Curiosamente, quando estávamos neste crescendo da fúria de Deus ouve-se uma voz. É a voz da senhora Merkel. A senhora Merkel claramente mostra-se muito preocupada com a decisão de a Ópera ser suspensa. E diz qualquer coisa como: "Temos que tomar cuidado em não recuar sempre face ao medo". Alguns intelectuais alemães vão mais longe e dizem: "Atingiu-se uma fronteira que não devemos transpor." Ou seja, no final de 2006, e depois de toda esta sequência de acontecimentos (e daí que o próprio discurso de Ratisbona ganhe uma dimensão que ultrapassa muito aquilo que seria esperado) começa a perceber-se que estamos a entrar numa zona que passa a ser vista como fronteira. Para os europeus que circulam livremente pelo mundo e não

conhecem o problema de serem ilegais as novas fronteiras desenhadas de outro modo. Em 2006, essa linha de fronteira avançou dentro da própria Europa e, de repente, tornou-se óbvio que fazer uma caricatura na Dinamarca ou representar o “Idomeneo” em Berlim podia ser considerado como uma agressão no Paquistão.

Mas politicamente o ano de 2006 ainda não acabou. Antes que 2007 chegue o Papa faz uma importantíssima viagem à Turquia. E nessa visita à Turquia Bento XVI defende claramente a adesão da Turquia à União Europeia. Essa visita foi anunciada previamente na imprensa europeia como algo de desastroso. O Papa teria na Turquia, dizia-se e escrevia-se, pelo menos “Um milhão de pessoas” contestando a sua presença. O Papa não teve um milhão de pessoas contra ele. Talvez tenham sido 15 mil os manifestantes. Essas pessoas empunhavam cartazes como: “Respeito pelo profeta, Papa” ou “Papa ignorante aprende História”.

Independentemente daquilo que se pode pensar sobre a percepção do mundo de quem empunha estes cartazes, essa visita de Bento XVI à Turquia fecha um ciclo. No ano de 2006, os políticos europeus não têm resposta para a questão da adesão ou não da Turquia à União Europeia. Essa adesão coloca várias questões e entre elas algumas das que estão no discurso de Ratisbona. É claro que temos também a própria dimensão da Turquia, problemas de carácter político, de direitos humanos. Mas a questão da adesão ou não adesão da Turquia à União Europeia coloca muito particularmente problemas que passam pelo lugar divino num mundo que se julgou seguro na “universalidade da razão”.

Chegámos assim ao fim de 2006 e chegando ao fim desta minha reflexão voltaria ao princípio, ou seja à frase de Bento XVI: “No mundo ocidental é largamente dominante a opinião de que são universais apenas a razão positivista e as formas de Filosofia delas derivadas”. Nesta frase encerra-se todo o dilema que a Europa viveu ao longo de 2006. Nesse ano a Europa defrontou-se com a ideia de Deus. Mas o encontro não foi com esse Deus enquanto ideia, esse Deus que nós encontramos no discurso de Ratisbona. Também não foi com esse Deus que, mais do que dessacralizado, foi banalizado pela racionalidade positivista europeia. O Deus que nos entrou pela casa dentro em 2006, o Deus que vimos em 2006 foi um Deus ou mais propriamente uns homens furiosos que invocando o seu Deus nos prometiam vingança. E foi nesse momento que a tão assepticamente laica racionalidade da razão positivista se vergou mostrando-se incapaz de desarticular o



Deus enquanto fúria, castigo e anti-racionalidade.

Esses furiosos de Deus que queimam efigies do Papa, bandeiras da Dinamarca ou livros blasfemos, fascinam essa racionalidade da razão positivista, como se esse sentimento anti-ocidental, e que ironicamente ele mesmo é percebido de uma forma tão ocidental, despertasse em nós, como diria Cesário Verde: “O desejo absurdo de sofrer”. Como se esse sentimento anti-ocidental despertasse em nós o desejo de nos redirmos de um pecado original. Não o bíblico mas sim de termos nascido neste espaço do mundo que não é propriamente um paraíso mas que é certamente um local muito melhor para viver do que aqueles outros onde impera a fúria e o terror do Deus de castigo.

Perante os furiosos de Deus a racionalidade positivista fica impotente quando não fascinada. E passa então a empenhar-se com zelo em expurgar da nossa História, das nossas vidas e dos nossos calendários esse Deus-ideia dos cristãos que nos leva certamente aos gregos e mais proximamente à própria fundação da Europa.

É aqui, neste paradoxo, que as palavras de Bento XVI em Ratisbona ganham uma dimensão que não digo profética porque não sei se os papas fazem profecias mas tenho a certeza que são bons analistas políticos. Uma razão, e passo a citar, “Uma razão que diante do divino é surda e repele a religião para o âmbito das subculturas é incapaz de inserir-se no diálogo das culturas.” Não é só isso. É muito mais do que isso, porque “uma razão que diante do divino é surda” não só, como afirmou Bento XVI, é “incapaz de inserir-se no diálogo das culturas” – e daí a nossa incompreensão perante a Turquia e boa parte do mundo – como pode acabar a renegar a sua própria cultura e a abjurar dos seus valores fundamentais. ●

*Perante os furiosos de Deus a racionalidade positivista fica impotente quando não fascinada. E passa então a empenhar-se com zelo em expurgar da nossa História, das nossas vidas e dos nossos calendários esse Deus-ideia dos cristãos que nos leva certamente aos gregos e mais proximamente à própria fundação da Europa.*